

UMA EMBAIXADA COM DOIS EMBAIXADORES — NOVOS DADOS ORIENTAIS SOBRE TOMÉ PIRES E HOJA YASAN

*Jin Guo Ping** e *Wu Zhiliang***

Desde as embaixadas franciscanas no séc. XIII à corte mongol, a Embaixada de Tomé Pires é considerada a primeira missão diplomática portuguesa e europeia à China e é, também, um tema incontornável das relações sino-portuguesas, por isso se compreende que mereça a atenção dos grandes nomes da presença portuguesa na China e da história de Macau: Entre eles, podemos começar por destacar o de Donald Ferguson, autor dos estudos pioneiros sobre as cartas dos chamados “cativos de Cantão”¹. Logo a seguir é o do diplomata alemão Ernst Artur Voretzsch, que descobriu fragmentos originais das supracitadas missivas na Torre do Tombo². A Armando Cortesão devemos a descoberta do manuscrito da *Suma Oriental* em Paris e alguns dos melhores estudos biográficos sobre Tomé Pires³. O estudioso chinês Tien-Tsê Chang, além de ter abordado este tema no seu clássico *O Comércio Sino-Português entre 1514 e 1644: Uma Síntese de Fontes Portuguesas e Chinesas*, chegou a publicar em inglês um artigo em que tentou descortinar as possíveis razões do fracasso da Em-

* Investigadores da História de Macau e das relações luso-chinesas.

** Doutor em História.

¹ Donald Ferguson, *Letters from Portuguese captives in Canton, Written in 1534 and 1536*, Bombaim, Education Society's Steam Press, 1902.

² Ernst Artur Voretzsch, *Documentos acerca da Primeira Embaixada Portuguesa à China* in *Boletim da Sociedade Luso-Japonesa*, n.º 1, Tokio, 1929, pp. 30-69.

³ *The Suma Oriental of Tome Pires and the Book of Francisco Rodrigues*, Londres, Hakluyt Society, 1944, 2 vols, *A Suma Oriental de Tome Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, 1978, *Primeira Embaixada Europeia à China*. Macau, I. C. M., 1990.

baixada de Tomé Pires⁴. O historiador Chinês Zhang Weihua publicou nos anos 30 do séc. XX *Mingshi Folangji Lüsöng Helan Yidaliya Sizhuan Zhushì* (Comentários sobre as Quatro Monografias da Mingshi [História dos Ming]) relativas aos Folangji, Lução, Holanda e Itália⁵, de que se serviu largamente Paul Pelliot para o seu *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming* (in *T'oung Pao*, vol. XXXIX, Leiden, 1949). Eduardo Brazão⁶ e Zhou Jinglian⁷ estudaram este tema no âmbito das relações diplomáticas sino-portuguesas. Mais recentemente, Raffaella d'Intino⁸ e Rui Loureiro dedicaram-se bastante aos estudos desta embaixada⁹. L. G. Gomes¹⁰, Jorge Alves¹¹, Wu Zhiliang¹², António Vasconcelos de Saldanha¹³ e Jin Guo Ping¹⁴ também exploraram esta questão.

⁴ Malacca and the failure of the first Portuguese embassy to Peking, in *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, nº 15, (1-2), 1981, pp. 157-162.

⁵ Zhang Weihua, *Mingshi Folangji Lüsöng Helan Yidaliya Sizhuan Zhushì* (Comentários sobre as Quatro Monografias da Mingshi [História dos Ming]), Peiping, 1934. O autor fez outro trabalho específico sobre o assunto, cf. *Estudos sobre a Primeira Embaixada Portuguesa à China*, in *Anuário da História*, Vol.I, nº 5, 1933, pp.103-112.

⁶ Eduardo Brazão, *Apontamentos para a História das Relações Diplomáticas de Portugal com a China, 1516-1753*, Lisboa, A. G. C., 1949.

⁷ Zhou Jinglian, *Zhongpu Waijiaoshi* (História das Relações Diplomáticas Sino-Portuguesas), The Commercial Press, 1936.

⁸ Raffaella d'Intino, *Enformações das Cousas da China*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

⁹ Rui Manuel Loureiro, *Cartas dos Cativos de Cantão: Cristóvão Vieira e Vasco Calvo (1524?)*, Instituto Cultural de Macau, 1992; *O Manuscrito de Lisboa da "Suma Oriental" de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996 e *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no século XXI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

¹⁰ L. G. Gomes, *O malogro de duas missões ao Império do Meio*, in *Boletim do Instituto Luís de Camões*, vol. I, nº. 3, 1967, pp. 335-354.

¹¹ Jorge Manuel dos Santos Alves, *Um Porto entre dois Impérios: Estudos sobre Macau e as relações luso-chinesas*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1999, pp. 15-49.

¹² Dongxi Jiaohui Kan Aomen (*O Encontro Luso-Chinês em Macau*), Fundação Macau, 1996, pp. 155-157.

¹³ *Embaixadas e Tributos. Três Séculos de Missões Diplomáticas à China* in *Os Fundamentos da Amizade. Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau - Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau, 1999, pp. 139-146 e *Embassies and Tributes. Three Centuries of Portuguese Diplomatic Missions in China*, In *Ming Qing Yanjiu 2000*, Dipartimento di Studi Asiatici, Instituto Universitario Oriental e Napoli-Istituto Italiano per l'Africa e l'Oriente, Roma, 2000, pp. 43-87.

¹⁴ *Zhongpu Guanxi Shidi Kaozheng* (As Relações Luso-Chinesas Histórica e Geograficamente Falando), Fundação Macau, 2000, p. 144.

Assim, se graças aos esforços dos estudiosos acima referidos, entre outros, já podemos desfrutar de uma bibliografia considerável sobre a Embaixada de Tomé Pires, ainda existem, no entanto, várias dúvidas sobre esta missão. Entendemos que as fontes orientais aqui reproduzidas em versão portuguesa destinada a uma análise comparativa, representam um progresso essencial na reconstituição da Embaixada de Tomé Pires em território chinês. Pela primeira vez e passados 5 séculos sobre o acontecimento, dispomos finalmente de dados que nos permitem ter conhecimento do conteúdo dos “tributos” levados por Tomé Pires ao Imperador Zhengde. As circunstâncias em que foram recebidos Tomé Pires e outros em Cantão são descritas por Cristóvão Vieira na sua carta datada de 1534, mas só agora sabemos com segurança os nomes completos das autoridades chinesas envolvidas neste processo. Se o relato testemunhal de Gu Yingxiang¹⁵ se reveste de uma importância primordial para o estudo da permanência da Embaixada de Tomé Pires em Cantão, as fontes coreanas não são menos importantes para uma informação fidedigna sobre a estadia da mesma embaixada em Beijing.

Recorde-se que, ao que consta, o próprio embaixador Tomé Pires, além de ter elaborado a *Suma Oriental* antes da sua missão à China, teria escrito um diário durante a sua estadia no Império, possivelmente a mais importante fonte para a primeira e última missão lusa à Corte dos Ming. Lamentavelmente, este valioso documento ter-se-á perdido para sempre. Como o próprio embaixador não nos deixou nada sobre as peripécias da sua embaixada na China, só podemos socorrer-nos das fontes coevas para a sua reconstrução.

Das fontes primárias portuguesas, podemos citar as cartas dos cativos de Cantão, que mais tarde serviram de informação para os cronistas das descobertas, nomeadamente João de Barros, nos seus capítulos sobre esta embaixada. Da documentação oficial chinesa, damos prioridade às *Shilu (Crónicas Verídicas)*¹⁶ dos Reinados de Zhengde (1506-1521) e

¹⁵ Natural de Xuxing de Jiangsu. Conhecido mandarim do Reinado de Jiajing (1522-1566). Além duma carreira política bem sucedida, foi autor de várias obras de carácter literário, poético, matemático, jurídico, etc. Cf. *Shizong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Shizong)*, vol. 550, entrada do dia Shushen da 9.ª lua do 44.º ano do Reinado de Jiajing (8 de Outubro de 1556) e *Mingshi (História dos Ming)*, pp. 2427, 2286, 2287, 2374, 2399, 2427, 2440, 2475 e 5154.

¹⁶ Geoff Wade fez um excelente trabalho de recolha das principais referências nas *Shilu (Crónicas Verídicas)* sobre os Portugueses, cf. Geoff Wade, *The Portuguese*

Jiajing (1522-1566) usando-as como fontes principais, já que a *Mingshi* (*História dos Ming*) é muito tardia. Além disso, recorremos a algumas fontes orientais oficiosas, designadamente chinesas e coreanas, recentemente dadas a conhecer, que nos fornecem novas luzes bem esclarecedoras sobre esta embaixada fracassada. De facto, nas fontes chinesas oficiais, temos bastantes referências à Embaixada de Tomé Pires, tanto nas *Shilu* (*Crónicas Verídicas*) como na *Mingshi* (*História dos Ming*). As obras de alguns letrados da época também contêm algumas informações sobre a presença portuguesa na zona de Cantão e embaixada chefiada por Tomé Pires, mas, como se disse, as principais fontes são as *Shilu* (*Crónicas Verídicas*) dos Reinados de Zhengde (1506-1521) e Jiajing (1522-1566).

1. UMA NOVA FONTE CHINESA

Segundo *Libu*¹⁷ *Zhigao* (*Esboço da Crónica do Tribunal dos Ritos*), uma obra coeva oficial da Dinastia Ming, os trâmites burocráticos de recepção das embaixadas tributárias processavam-se da seguinte maneira:

“As embarcações bárbaras que arribavam dentro dos prazos estabelecidos para elas¹⁸, podiam desembarcar os seus tripulantes que eram escoltados pelos soldados sob alçada do Beiwo¹⁹ até à Repartição da Administração Civil, onde eram conferidas as suas *Kanhe*²⁰ e verificados os prazos estabelecidos. Caso tudo estivesse em ordem, seriam apresentados ao Superintendente do Comércio Marítimo, ao Eunuco do Comércio Marítimo²¹ e outras autoridades, tais como o Censor

as Represented in Some Chinese Sources of the Ming Dynasty, in Jorge M. dos Santos Alves (coordenação), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 263-316.

¹⁷ O “*libo*” da carta de Cristóvão Vieira.

¹⁸ As que vinham fora dos prazos eram mesmo mandadas de volta. Cf. *Wuzong Shilu* (*Verídica Crónica do Imperador Wuzong*), vol. 113, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenwenti Danganwenxian Huibian* (*Colecção Documental de Arquivos das Dinastias Ming e Qing relativos a Macau*), Pequim, Editora do Povo, 1999, vol. 5, p. 20 e *Wuzong Shilu* (*Verídica Crónica do Imperador Wuzong*), vol. 149, in Wu Zhiliang e outros (dir.), op. cit., vol. 5, pp. 20-21.

¹⁹ Comandante da defesa contra os piratas japoneses. O “*Pio*” das fontes portuguesas.

²⁰ Documento de identificação, cf. Guo Fei, *Guangdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Guangdong*), vol. 63, in Wu Zhiliang e outros (dir.), op. cit., vol. 5, p.185.

²¹ Sobre as funções incluídas neste cargo, cf. Wang Chuan, *Shibo Taijian yu Nanhai Maoyi — Mingdai Guangdong Shibo Taijian Yanjiu* (*Os Eunucos do Comércio Marítimo e o comércio com o Mar Meridional — Estudos sobre alguns eunucos do Comércio Marítimo da Dinastia Ming acreditados em Cantão*), Hong Kong, 2001.

e o Comissário da Administração Judicial e depois enviados para Capital mediante memoriais ao Trono. Se houvesse alguma transgressão, seriam detidos e sujeitos a interrogatórios, cujos processos seriam remetidos à deliberação do Tribunal dos Ritos.”²²

Quando Tomé Pires desembarcou em Cantão, foi Gu Yingxiang, haidao²³ interino, quem — no que diz respeito aos trâmites burocráticos — se encarregou pessoalmente da embaixada. Na sua obra *Jingxuzhai Xiyonglu* (*Antologia de Estimação do Tempo da Sala da Nulidade Silenciosa*) é relatada a chegada da Embaixada de Tomé Pires. Trata-se de um relato testemunhal, tendo assim um altíssimo valor histórico para uma melhor compreensão das circunstâncias em que se desenvolvia a embaixada portuguesa. Dada a importância deste documento, julgamos oportuno publicá-lo na íntegra²⁴. Eis a passagem referente à Embaixada de Tomé Pires:

“No Reinado de Zhengde²⁵, eu estava na função de sub-comissário da Administração Judicial de Cantão. Aconteceu que nessa altura o haidao Wang Hong²⁶ foi numa missão oficial a Beijing, de maneira que eu passei a acumular os assuntos do haidao (circuito marítimo)²⁷ da pasta dele. De repente, apareceram três embarcações bárbaras ao pé da capital provincial que dispararam três

²² Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 258.

²³ O “haidao” da carta de Cristóvão Vieira.

²⁴ Este documento foi publicado em chinês por Wan Ming in *Zhongpu Zaoqi Guanxisbi* (*História das Primeiras Relações Sino-Portuguesas*), Pequim, Editora de Documentos de Ciências Sociais da China, 2001, pp.29-30.

²⁵ O Reinado de Zhengde durou de 1506 a 1521. Segundo Ruan Yuan, *Gongdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Cantão*), Gu Yingxiang assumiu as funções de subcomissário da Administração Judicial de Cantão, a partir de 1516, cf. a edição da Editora dos Clássicos de Shanghai, 1990, vol. I, p. 367.

²⁶ Cf. Paul Pelliot, *Un Ouvrage sur les premiers temps de Macao*, in *T'oung Pao* (Leiden), vol. XXXI, 1935, p. 61. Um importante mandarim largamente referenciado na *Mingshi* (*História dos Ming*). Foi ele quem chefiou as forças navais chinesas que tiveram a batalha na foz do Rio das Pérolas, com a frota de Martim Afonso de Melo Coutinho, em 1522. Sobre este primeiro conflito armado sino-português, cf. Jin Guo Ping, 1521-1522 *Nianjian Zhongpu Junsbi Chongtu — Xicaowan Shikao* (*Os Conflitos Armados Sino-Portugueses entre 1521 e 1522 — Uma tentativa de identificação do lugar da batalha naval da armada de Martim Afonso de Melo Coutinho*), in *Xili Dongjian* (*O Ocidente ao Encontro do Oriente*), Fundação Macau, 2000, pp. 1-18.

²⁷ Sobre o circuito marítimo e o seu titular, cf. Jin Guo Ping, *Combates a Piratas e a Fixação Portuguesa em Macau*, in *Revista Militar*, Lisboa, 1999, N.º2364, pp.204-205, nota 26.

canhões²⁸, o que deixou toda a população da cidade assustada. Antigamente, essas embarcações bárbaras costumavam fundear nas baías sob alçada da guarnição de mil famílias de Dongguan²⁹. Nunca houve embarcação nenhuma que chegasse ao pé da cidade da capital provincial. O superintendente do comércio marítimo Wu Hongci³⁰ informou-me do acontecimento, de modo que fui à pousada Huaiyuan³¹ a visitá-los e lhes fiz um interrogatório. O intérprete deles era um natural de Fuliang³² de Jiangxi. Fez-me respeitosamente uma representação a dizer que se tratava de uma embaixada mandada pelo país Folangji³³ para apresentar os seus tributos, e que o nome do seu embaixador era Jiabidan³⁴, no entanto, eu não o recebi. Mande imediatamente comunicar tudo a Wuzhou³⁵. Ning Cheng³⁶, eunuco dos 3 Salões e Guo Xun,³⁷ o marquês Wuding, à altura

²⁸ De facto, foram berços, a que davam o nome de Folangji ou Folangji Chong.

²⁹ “Tanção”, “Tomquo”, “Tacoã” e “Tãcoam” da carta de Cristóvão Vieira.

³⁰ Por ser identificado.

³¹ Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 96, nota 16 e Guo Fei, *Guangdong Tongzhi* (Crónica Geral de Guangdong), vol. 63, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 186.

³² A actual Jingdezhen. Paul Pelliot, depois de ter analisado muitas versões sobre a nacionalidade de Hoja Yansan, chegou a esta conclusão: “...le nom était musulman et ne pouvait guère s’appliquer à un vrai Chinois...” (*Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 100) Esta afirmação de Pelliot, à luz deste novo elemento, é digna de reparo. O Hoja Yasan era um chinês de gema. Recentemente, Geoff Wade fez uma inovadora investigação sobre as andanças de Yasan em Malaca, cf. Geoff Wade, *The Portuguese as Represented in Some Chinese Sources of the Ming Dynasty*, in Jorge M dos Santos Alves (coordenação), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*, pp. 272-276.

³³ Sobre a etimologia deste termo e as suas variantes, cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, pp. 163-164 e 204-207 e Folangji in Wu Zhiliang e Jeong Wan Chong (dir), *Aomen Baiké Quanshu* (Enciclopédia de Macau), Fundação Macau, 1999, p. 223.

³⁴ Capitão. Sobre esta confusão, veja Raffaella d’Intino, *op. cit.*, pp. 20-21 e *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, pp. 90-91, nota 10.

³⁵ A “Vcheu” da carta de Cristóvão Vieira.

³⁶ O “comqom”, “conquão” e “comquō” da carta de Cristóvão Vieira. “comqom” e suas variantes vêm do chinês “Zhongguan”, literalmente quer dizer “oficial do interior palaciano”, um dos muitos eufemismos de eunuco. O “Zhongguan” destacado em Cantão era uma espécie de comissário imperial fiscal. A etimologia chinesa “tsong-kuan (director-geral)” dada por Ferguson e repetido por Rodolfo Sebastião Dalgado, no seu *Glossário Luso-Asiático* (Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1983, p. 382) é infundada, pois resulta duma confusão com “Zhongguan”, cf. Charles R. Hucker, *A Dictionary of Official Titles in Imperial China*, Taipei, 1995, SMC Publishing INC, pp. 531, entrada n.º 7110. Outro eufemismo de eunuco é “Zhongchen (funcionário do interior palaciano)”, cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 127, nota 86.

³⁷ Importante funcionário dos reinados de Zhengde (1506-1521) e Jiajing (1522-1566), largamente referenciado na *Mingshi* (História dos Ming).

no cargo de Zongbing³⁸, acorreram ao aviso. O cabecilha³⁹ saiu de longe para os receber mas não lhes fez genuflexões. O censor metropolitano e o grande coordenador Chen Jin⁴⁰ chegou mais tarde sozinho e mandou dar 20 bastonadas no intérprete, dizendo ao superintendente do comércio marítimo: Estes bárbaros vieram de longe, atraídos pela admiração da nossa civilização, de maneira que desconhecem as cerimónias da nossa corte celestial. Sendo eu um alto funcionário nomeado pela corte, mando-os receber durante três dias a instrução protocolar ao Templo Guangxiao⁴¹. No primeiro dia, começaram a fazer genuflexão com a perna esquerda, no segundo dia, conseguiram fazê-la com a perna direita e só no terceiro dia, aprenderam a bater a cabeça no chão⁴². Depois disto é que foram apresentados ao grande coordenador. A repartição do grande coordenador deixou dito que este país não fazia parte das Daming Huidian (Instituições da Grande Ming). Enquanto não viesse a autorização para seguirem escoltados para a capital, deixavam-nos acomodados na Pousada. Dos produtos autóctones apresentados constam corais em rama, Piannao⁴³, Suofu⁴⁴ de várias cores, capacete e couraças douradas, vidros, entre outros objectos. Também há uma coisa que parece Hongxianbe⁴⁵ que se chama Sabala⁴⁶. Além disso, havia uma espada de três

³⁸ O “chouping” e “compim” da carta de Cristóvão Vieira. A etimologia chinesa “kung-ping” dada por Dalgado não é correcta. Para mais informações, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, Macau, Fundação Macau, 2000, vol. I, pp. 35-37.

³⁹ Tomé Pires.

⁴⁰ O “Tutão” da carta de Cristóvão Vieira. Sobre Chen Jin, cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 92. Para mais informações sobre este cargo, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, vol. I, pp. 17-18.

⁴¹ Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 92, nota 12 e p. 113, nota 47.

⁴² Prostração. Sobre este tema, veja Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, p. 286, nota 85.

⁴³ Também conhecido como Meihuapiannao, uma espécie de Longnao (*Miolo de Dragão, Cânfora de Bornéu*). Cf. Friederich Hirth & W. W. Rockhill, *Chau Ju-Kua — His Work on the Chinese and Arab Trade in the twelfth and thirteenth centuries, entitled Chu-fan-chi*, Taipe, Ch’eng-Wen Publishing Company, 1970, pp. 156 e 193-195.

⁴⁴ Cf. J. V. G. Mills, *Ying-Ya Sheng-Lan — The Overall Sourcey of the Ocean’s Shores, 1433*, Londres, Hakluyt Society, 1970, p. 156, nota 2 e Huang Shengzeng, *Xiyang Chaogong Dianlu (Vademecum dos Países Tributários do Mar do Oeste)*, edição de Xie Fei, Pequim, Livraria China, 1982, p. 42, nota 3.

⁴⁵ Nome dum tecido grosseiro de fios de seda vermelha.

⁴⁶ Do persa *saqalāt*, pano de lã. Segundo fontes oficiais chinesas, Cola mandou de tributo à China “Hong Sabala”, que quer dizer “*saqalāt vermelha*”, cf. *Zhongguo Zaiji zibong Nanya Shiliao Huibian (Collection of South Asian Historical Materials from chinese*

gumes⁴⁷. Havia outro terçado de ferro⁴⁸ tão flexível que voltava ao seu estado, uma vez solto. Tinha gumes muito cortantes. Essas pessoas têm narizes agudos e os olhos fundos, muito parecidos com os muçulmanos.... o cabecilha costumava ler livros. Peguei num e descobri que se tratava de livros budistas. Mais tarde, veio a autorização para a apresentação dos seus tributos. Ao chegarem a Beijing, na visita ao Tribunal dos Ritos, insistiram em não fazer as reverências de genuflexão ao seu titular⁴⁹. Como nessa altura o Wumiao⁵⁰ encontrava-se numa inspecção no sul, foram acomodados na Pousada Huitong⁵¹ durante mais de meio ano⁵². Com a entronização do actual imperador, o intérprete foi acusado e condenado e o resto da Embaixada foi mandada de volta a Cantão para daí serem expulsos do nosso território.”⁵³

Antes de entrarmos na análise textual da passagem, vejamos um pouco do historial editorial desta fonte.

Algumas obras históricas chinesas têm reproduzido parcialmente este trecho, no entanto, com graves omissões das partes mais importantes para história da Embaixada de Tomé Pires. O grande orientalista

source), Universidade de Pequim e Editora dos Clássicos de Shanghai, 1994, vol. II, pp. 930-931 e 950.

⁴⁷ Espadagão.

⁴⁸ Talvez seja identificável com o “Baotiedao (terçado de ferro de tesouro)” que Calicute mandou de tributo à China, cf. *Mingshi (História dos Ming)*, p. 8441. Fica aqui uma correcção: “Baotiedao (terçado de ferro de tesouro)” deve ser “Bintiedao (terçado de ferro adamascado)”. Os autores de *Mingshi (História dos Ming)* seguiram o erro de *Shuyu Zoujilu (Detalhadas Informações sobre os Países Exóticos)* e *Siyi Guangji (Descrição Geral dos Bárbaros)*, entre outras obras. A expressão correcta é “Bintie” que quer dizer “ferro adamascado”, cf. *Huangming Siyi Kao (Estudos sobre os Bárbaros da Augusta Dinastia Ming)*, entrada “Bengala”, in *Zhongguo Zaiji zhong Nanya Shiliao Huibian (Collection of South Asian Historical Materials from chinese source)*, vol. II, p. 924. *Siyi Guangji (Descrição Geral dos Bárbaros)* regista “Bintiedao (terçado de ferro adamascado)” como parte do tributo que Bengala levava à corte chinesa, cf. *Zhongguo Zaiji zhong Nanya Shiliao Huibian (Collection of South Asian Historical Materials from chinese source)*, vol. II, p. 991.

⁴⁹ Lian Zhuo.

⁵⁰ O imperador Zhengde.

⁵¹ Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, Apêndice III, pp. 249-272.

⁵² De Agosto de 1520 a 22 de Maio de 1521.

⁵³ Gu Yingxiang, *Jingxuzhai Xiyiinglu (Antologia de Estimação do Tempo da Sala da Nulidade Silenciosa)*, Tainan, Zhuangyan Wenhua Shiye Youxiangongsi, 1995, vol. XII, pp. 19-20. Existe um relato semelhante, mas sem a lista de presentes em *Hu Zongxian, Chouhai Tubian (A Defesa Marítima Ilustrada)*, vol. 13, *Armas, Folangji Ilustrado*, in *Wu Zhiliang e outros (dir.), op. cit.*, vol. 5, p. 144.

francês Paul Pelliot referenciou esta obra e chegou a recomendar a sua leitura⁵⁴, mas parece que o eminente sinólogo não chegou a ver pessoalmente a obra recomendada ou não a leu com a devida atenção, de modo que deixou fugir estas informações importantíssimas sobre a embaixada. Ao que consta, teria obtido essa informação bibliográfica na *Mingshi* (*História dos Ming*), pois o título dado por Paul Pelliot é o mesmo referenciado nessa *Mingshi* (*História dos Ming*)⁵⁵, que não corresponde à edição xilogravada⁵⁶. Por outras palavras, caso Paul Pelliot tivesse consultado a obra, desde cedo teria incluído as valiosas informações lá colhidas, nomeadamente a lista do presente destinado ao imperador Zhengde, no seu famoso e já clássico *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*.

Agora passemos à exploração textual e contextual.

O tradicional sistema tributário chinês era consabidamente um regime fechado e rigoroso. Para ser admitido nele, era preciso cumprir com toda uma série de trâmites burocráticos. Os mandarins das fronteiras podiam recusar qualquer embaixada tributária, caso ela não tivesse antecedentes registados na documentação oficial; quer isto dizer que qualquer país alheio a tal sistema não tinha acesso ao território chinês fossem quais fossem os motivos que alegassem. Como Portugal não era conhecido na China, teoricamente a Embaixada de Tomé Pires não podia ser aceite em Cantão. Todavia, essa aceitação acabou por se verificar, devido a um facto ocorrido não há muito tempo.

Desde o termo das expedições marítimas chinesas chefiadas pelo almirante Zheng He, um produto exótico chamado âmbar cinzento começara a escassear nos depósitos da Casa Imperial Chinesa. Cantão, sendo o porto marítimo da maior importância em toda a China, era o único sítio onde havia alguma possibilidade de obter esse produto, ansiosamente procurado pela Corte⁵⁷. À falta de incensos e perfumes⁵⁸, Wu

⁵⁴ Cf. Paul Pelliot, *Un Ouvrage sur les premiers temps de Macao*, p. 62

⁵⁵ O título registado é *Xiyonglu* (*Antologia de Estimação do Tempo*), 12 vols. Cf. *Mingshi* (*História dos Ming*), p. 2427.

⁵⁶ O título publicado é *Jingxuzhai Xiyonglu* (*Antologia de Estimação do Tempo da Sala da Nulidade Silenciosa*), uma edição xilogravada do Reinado de Jiajing (1522-1566).

⁵⁷ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Reformular as origens de Macau: Imperadores, Âmbar-cinzento e Macau*, in *Revista de Cultura*, n.º 38/39 (II Série), Janeiro/Junho de 1999, pp. 5-22 e in *Revista Macau*, n.º 92, Dezembro de 1999, pp. 175-190; Wu Zhiliang, *Xiang* (*Âmbar Cinzento*), *Yan* (*Ópio*) e *Macau: o significado de Xiang* (*Âmbar*

Tingju⁵⁹, Comissário da Direita da Administração Civil de Cantão, num acto claramente contra os costumes, mas com conhecimento e autorização de Beijing⁶⁰, teria decretado em 1514⁶¹ a aceitação fora dos prazos estabelecidos de todas as embaixadas tributárias que devessem entrar na China via Cantão, deixando aberta uma brecha no sistema tributário e

Cinzento) e Yan (Ópio) na História de Macau, in *Administração*, N.º 55, Macau, 2002, pp. 289-322. Deste último, a versão francesa — *Le rôle de l'ambre gris et de l'opium dans l'histoire de Macao* e a inglesa — *Ambergris and Opium in Macau's History* foram publicadas, respectivamente, in *Perspectives Chinoises*, número 73, setembro-outubro 2002, pp. 4-19 e *China Perspectives*, number 44, November-December 2002, pp. 4-17, Hong Kong. O mais recente estudo, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Tentativa de novas abordagens sobre as origens históricas da presença portuguesa em Macau*, in *Dong Xi Wangyang (Em Busca de história (s) de Macau apagada (s) pelo tempo)*, Macau, Associação de Educação de Adultos de Macau, 2002, pp. 77-128.

⁵⁸ “Ultimamente, Wu Tingju, Comissário da Administração Civil alegou a falta de incensos e perfumes para a Casa Imperial e a falta das receitas para a Repartição do Grande Coordenador, tomou a iniciativa de aceitar todas as mercadorias trazidas pelos barcos dos países que vieram fora dos prazos estabelecidos, sujeitando-os ao pagamento de impostos em espécie, o que criou uma situação em que as embarcações bárbaras começaram a frequentar as nossas baías e ancoradouros e os bárbaros passaram a andar pelas cidades a nível de prefeitura. As nossas leis ficaram frouxas e eles conheceram os caminhos. Eis o motivo circunstancial da repentina chegada dos Folangji.” Wuzong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 194, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 22. Embora não sejam especificados os incensos e perfumes, o âmbar cinzento seria um deles. “Ultimamente” refere-se a 1514. Ao que consta, Wu Tingju não chegou a tratar assuntos da Embaixada de Tomé Pires, mas abriu um antecedente de receber embaixadas tributárias fora dos prazos estabelecidos, o que tornou possível a aceitação dos Portugueses em Cantão (e em consequência, a fixação lusa em Macau). Cf. Zheng Xiao, *Wuxuebian (Coleção dos Meus Estudos)*, vol. 25, *O Ministro Wu*, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 105.

⁵⁹ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 120 e a nota 74 a pp. 121-122.

⁶⁰ Segundo Huang Zuo, Wu Tingju “cognominado de Xianchen, era natural de Cangwu,... alcançou o grau académico de Jinshi no ano Dingwei (1487).” (*Guangdong Tongzhi (Crónica Geral de Guangdong)*, vol. 50, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 173) “Até certa altura, Wu Tingju, Comissário da Direita da Administração Civil de Cantão, alegando muitos argumentos a comprovar as vantagens da liberalização do comércio tributário, solicitou a decretação de algumas medidas concretas neste sentido. Tanto o censor como o Comissário da Administração Judicial, assim como o Ministério da Fazenda Pública ficaram perplexos e aprovaram as suas propostas. Em poucos anos, surgiu a ameaça dos Folangji.” Wuzong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 149, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 21.

⁶¹ Data sugerida por Zheng Xiao. Existe ainda uma polémica sobre este ano. Há fontes chinesas, por exemplo a *Wuzong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Wuzong)* que sugere a data de 1517. Sobre esta questão, pode-se consultar Dai Yixuan, *Mingshi Folangjizhuan Jianzheng (Adendas à Crónica de Folangji da História Oficial dos Ming)*, Pequim, Editora das Ciências Sociais da China, 1984, pp.11-12 e Zhang Weihua, *op. cit.*, pp. 7-8.

criando assim condições favoráveis para que a Embaixada de Tomé Pires pudesse ser aceite, apesar de Portugal não ser conhecido nem reconhecido pela China. Este acto de Wu Tingju foi alvo de fortes críticas. A *Guangdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Guangdong*) acusa-o de “*ter feito diligências para a entrada da embaixada tributária do país de Folangji, com os seguintes desastres para a população local*”⁶². Apesar de “*menosprezado pelos letrados, o último cargo que ocupou foi o de ministro das Obras Públicas de Nanjing*”⁶³. Ou seja, a bem sucedida carreira de Wu Tingju é prova de que a sua actuação foi bem aceite pela Corte, já que defendera os interesses imperiais ao liberalizar o comércio tributário numa tentativa de conseguir os incensos e perfumes de que precisava Beijing.

Das fontes lusas, João de Barros relata-nos a vinda das autoridades provinciais à cidade de Cantão nos seguintes termos:

“Ao tempo que Fernão Peres aqui chegou, que foi quási em fim de Setembro com tôda a pompa e festa que êle pôde, não eram na cidade os três governadores, que dissemos haver nela, que eram o Tutão, Cantão⁶⁴, Chumpim, e estava um chamado per nome de ofício Puchanci, que servia em lugar do Tutão, o qual mandou logo recado a Fernão Peres, que se espantava de ele naquela sua entrada fazer três cousas contra a ordenança da cidade: a primeira, vir sem licença dos governadores dela; a segunda, tirar com artelharía; e a terceira, arvorar bandeira ou lança. Ao que Fernão Peres respondeu o que tinha passado sôbre sua entrada com o Pio de Nantó, e que per fim dos recados que entre eles houve, lhe deu licença, e pera isso lhe mandara pilotos que o metessem naquele pôrto. E quanto às outras duas cousas, em tôdalas partes onde os Portugueses navegavam as costumavam fazer em sinal de prazer e paz, e não lhe eram empedidas, e o mesmo faziam os chins quando chegavam a Malaca, como êle podia saber. A qual cidade, sendo del-Rei de Portugal, cujo capitão ele era, não lhe punha empedimento algum, ante eram tratados mui bem, como vassalos de um tam poderoso príncipe como era el-Rei da China, a quem êle trazia a embaixada del-Rei, seu senhor, como já teria sabido per o Pio de Nantó; que lhe pedia houvesse por bem dar ordem como podesse mandar o embaixador e presente que trazia a el-Rei, à Côrte onde êle estava.

⁶² *Guangdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Guangdong*), vol. 50, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p.173.

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ Leia-se Concão.

O Puchanci⁶⁵, ouvindo estas razões de Fernão Peres, se deu por satisfeito; e quanto ao despacho do embaixador, mandou-lhe dizer que os governadores da cidade eram fora, e que se esperava por eles cedo; que, como viessem, seria despachados; que se entretanto houvesse mister alguma cousa, que de mui boa vontade o proveriam.

A ida dos três governadores fora da cidade, segundo depois pareceu, foi mais artefício pera Fernão Peres ver a majestade e pompa de suas pessoas quando entrassem nela, que alguma outra necessidade; e ainda pera ver os graus da precedência de cada um, e a diferença que a cidade fazia no seu recebimento, vieram um e um, tomando dia próprio pera isso. E porque gastaríamos muito tempo em contar como o Concão, que tem administração da fazenda, que era o primeiro na entrada, foi recebido per tôdolos oficiais que estão debaixo de sua jurisdição, e depois a entrada do Chompim, capitão da guerra, com seus ministros, e ao terceiro dia como toda a cidade recebeu o chamado Tutão, que é o mais principal, baste saber em soma que todos três entraram com tanta pompa, como se cada um fôra senhor da cidade, principalmente na entrada do Tutão. Porque o rio era coalhado de batéis, todos com bandeiras e toldos de sêda, e a terra coberta do povo da cidade com festas a seu modo. E em ãa grande praça, onde estava um cais de pedra muito bem lavrado, em que êle desembarcou, era cousa fermosa de ver a diferença que faziam em côres, em trajo e em número os menistros de cada um dêstes ofícios da fazenda, da guerra, da justiça e do estado: uns, que haviam de ir a pé, e outros a cavalo, e sacas guarnecidas estranhamente, com mais retranças e borlas do que cá usamos em ãa grande festa. E neste mesmo dia todo o muro estava embandeirado de bandeiras de sêda, e nas tôrres havia mastos arvorados, de que dependiam bandeiras, também de sêda, que podiam servir por vela de um navio redondo: tanta é a riqueza daquela terra e tanta a cópia de sêda, que assi gastam êles o ouro batido em pão e a sêda nesta bandeiras, como nós gastamos as tintas de pouco preço e o lenço de linho grosso.

Levado o Tutão com esta festa e aparato a sua casa, Fernão Peres o mandou logo visitar de sua boa vinda, como o tinha mandado fazer aos outros, quando vieram. E teve neste tempo, enquanto êles não vieram, grande resguardo, que

⁶⁵ Segundo Ruan Yuan, *Gongdong Tongzhi* (Crónica Geral de Cantão), o “Puchanci” dessa altura era Shao Fen, cf. a edição da Editora dos Clássicos de Shanghai, 1990, vol. I, p. 355. Pelo relato de Gu Yingxiang, sabemos que foi ele quem se ocupou da Embaixada de Tomé Pires e não o “Puchanci”. Sobre este cargo, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, vol. I, pp. 20-21 e Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming, pp. 120-121, nota 73.

nenhum seu fôsse à cidade, nem consentiu que chins entrassem em os navios, o que também êles sob graves penas não podiam fazer, senão depois que os navios fossem despachados e pagassem os direitos à cidade da mercadoria que traziam.

Passados aquêles dias da entrada dos governadores da cidade, no qual tempo, entre êles e Fernão Peres, houve vesitações, ajuntaram-se todos três em a principal casa de seu despacho, onde quizeram ouvir o que êle, Fernão Peres, queria, pera lhe responderem à conclusão do caso, posto que já tinham sabido a causa de sua ida. No qual dia Fernão Peres mandou o feitor da armada, Joanes Impole, bem acompanhado de gente vestida de festa e com trombetas diante, por ir com mais pompa, vendo que os chins nestas cousas eram mui fumosos, e que as celebravam com grande aparato, e que com êsse estavam esperando este recado.”⁶⁶

Pelo relato de Gu Yingxiang, sabemos que antes disso, correria todo um processo burocrático⁶⁷. A saber: o responsável pelos assuntos da Embaixada de Tomé Pires foi Gu Yingxiang que estava temporariamente à frente do *baidao* (Circuito da Defesa Marítima)⁶⁸ em substituição de Wang Hong, o *baidao* dessa altura. Pelas rígidas regras chinesas, foi iniciado o processo com uma informação do superintendente do comércio marítimo. Desconhecendo as práticas chinesas, a armada de Fernão Peres de Andrade chegou ao pé da cidade de Cantão e os tiros dos arcabuzes que mandou disparar a saudar a cidade assustaram a população local,

⁶⁶ João de Barros, *Ásia de João de Barros, Terceira Década*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1944, pp. 100-102.

⁶⁷ As primeiras diligências das autoridades de Cantão foram mal sucedidas junto do poder central, como consta do seguinte registo oficial: “O país de Folangji mandou um embaixador chamado de Jiabidanmo (capitão-mor) e outros para apresentar os seus produtos autóctones e solicitar o selo imperial de investidura e Kanbe. As autoridades de Cantão, nomeadamente o eunuco destacado e o censor, alegando que dos bárbaros marítimos do sul não se conhece nenhum chamado de Folangji, e além disso, levando em consideração o facto de que vieram não munidos de credenciais do seu país, tiveram sérias dúvidas sobre eles, de modo que acomodaram o embaixador à espera de despacho superior que foi solicitado mediante um memorial ao Trono. Este caso foi remetido ao Tribunal dos Ritos. Ordem imperial recebida: Mandem voltar para o seu país, pagando o valor dos seus tributos.” (Wuzong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 158, entrada do dia Renying (11 de Fevereiro) do 13º ano (1518) do Reinado de Zhengde, in Wu Zhiliang e outros (dir.), op. cit., vol. 5, p.21.) Pelos vistos esta ordem imperial dada aos 11 de Fevereiro de 1518 não foi cumprida. Mais tarde, com a intervenção do eunuco Ning Cheng, junto de Jiang Bin, primeiro favorito do Imperador Zhengde, “(a embaixada) veio a Pequim com um decreto imperial.” (Wuzong Shilu (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 194, in Wu Zhiliang e outros (dir.), op. cit., vol. 5, p. 21)

⁶⁸ Usa-se indiferentemente tanto para designar a repartição como para o seu titular.

dando lugar ao primeiro foco de conflitos culturais entre a China e Portugal, num sentido lato, entre o Ocidente e o Oriente. Mesmo assim, a embaixada foi recebida em Cantão. O relato de Gu Yingxiang não deixa nenhuma dúvida quanto à identidade da embaixada: “*tratava-se de uma embaixada mandada pelo país Folangji para apresentar os seus tributos*”. Quer isto dizer que inicialmente a Embaixada de Tomé Pires não foi apresentada como sendo da Malaca: “*...mais tarde foi mudado o nome para Malaca.*”⁶⁹ E isto porquê? Como Portugal não constava da lista dos países tributários da China, não podia, em princípio, nem ser aceite em Cantão para iniciar o processo burocrático de obtenção de autorização para ir à capital imperial; ou seja, um obstáculo que devia ser contornado de alguma maneira. A solução encontrada terá sido esta: comunicar a Beijing a vinda desta Embaixada como se fosse uma missão de Malaca, um país tradicionalmente tributário da China. Só com esta fraude, talvez sugerida, ou mesmo preparada pelas próprias autoridades de Cantão, haveria legitimidade para se conseguir a autorização central para a ida da Embaixada de Tomé Pires a Beijing.

Neste processo intervêm duas figuras centrais: O famoso jurubaça⁷⁰ Hoja⁷¹ Yasan⁷², que está identificado neste documento como “*natural de Fuliang de Jiangxi*”. Por outras fontes coevas sabe-se que era um chinês, mas na altura a sua naturalidade era desconhecida; e o eunuco Ning Cheng, quem apresentou, muito provavelmente, o jurubaça Yasan a Jiang Bin, o eunuco favorito do Imperador Zhengde. A partir daí, o Yasan, um simples intérprete contratado pelos Portugueses passou a figurar nas fontes chinesas como sendo o embaixador, já que a fisionomia dos Portugueses não correspondia em nada à dos de Malaca, familiar à dos mandarins centrais. E assim, paradoxalmente, a primeira embaixada portuguesa seguiu para Beijing com um “*embaixador*” chinês. Precisamente por esta razão, na carta de Cristóvão Vieira — que era membro da Embaixada de Tomé Pires — não há nenhuma referência à actuação de Tomé Pires durante a sua estadia em Nanjing e mais tarde em Beijing, já que talvez Tomé Pires e os outros Portugueses que foram às duas capitais tivessem

⁶⁹ Cf. *Mingshi (História dos Ming)*, p.8419.

⁷⁰ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 114, nota 49.

⁷¹ Sobre este termo, cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, pp. 109-110.

⁷² *Idem*, pp. 110-111.

sido aceites como acompanhantes de Yasan, que naqueles termos se fazia passar pelo embaixador perante as autoridades centrais. Tudo isto é comprovado pelo facto de que já em Beijing, numa audiência no Tribunal dos Ritos, o Yasan não quis fazer as devidas reverências a Liang Zhuo⁷³, secretário-adjunto, responsável pela pousada oficial, que o mandou castigar com bastonadas como lhe mandou fazer em Cantão o grande coordenador Chen Jin. Mais tarde, com a denúncia dos emissários do desapossado Sultão de Malaca, ficou apurado o facto — já tão bem conhecido pelas autoridades de Cantão como pelas centrais, mas omisso de propósito pelos mandarins e eunucos ao lado do Imperador — de que eram mandados pelo país *Folangji*, que conquistara a cidade, tributária da China. Mesmo assim, a corte só mandou executar os intérpretes sob a acusação de terem trazido à China estrangeiros e não maltrataram os membros não asiáticos da Embaixada.

Quanto aos contactos com a Corte. Tanto as *Shilu* (*Crónicas Verídicas*) como a *Mingshi* (*História dos Ming*) são omissas no que toca ao nome do eunuco que, em nome dos Portugueses, fez contactos com a corte central. Ora, graças ao documento que aqui trazemos, sabemos com segurança que foi Ning Cheng quem fez este favor aos Portugueses porventura em troca de algum “presente” ou suborno.

Quanto à rejeição da embaixada. Inicialmente, quando os Portugueses foram mandados regressar a Cantão, não houve ordem de Beijing para deter a Embaixada em Cantão, como bem elucida um trecho do diário de Yang Tinghe⁷⁴, o ministro mais influente dessa altura: “...quanto aos bárbaros de Folangji, mandem-nos sob escolta de volta para Cantão, onde ficarão à espera de novas ordens de Baofang⁷⁵ (Casa de Leopardo)”⁷⁶. Esta ordem foi dada como correspondendo à vontade expressa no testamento do Imperador Zhengde⁷⁷, mas a verdade é que foi preparada postumamente por Yang Tinghe que exerceu esta regência durante a sucessão, juntamente com a Imperatriz-Mãe.

Pelas fontes chinesas, sabemos que no momento da neste do imperador Zhengde, o quase regente Yang Tinghe, por uma questão de segu-

⁷³ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 98, nota 22.

⁷⁴ *Idem*, p. 148.

⁷⁵ *Idem*, pp. 83-85, nota 5.

⁷⁶ Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 259.

⁷⁷ *Wuzong Shilu* (*Verídica Crónica do Imperador Wuzong*), vol. 197, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, pp. 22.

rança da capital, tomou muitas medidas, das quais algumas implicavam o repatriamento de embaixadas, tais como as de Qomul, Turfan e a de Portugal que se encontravam em Beijing, além da execução do eunuco Jiang Bin, entre outros protegidos do Imperador Zhengde. Como o imperador falecido não deixou descendentes, o vácuo do poder poderia dar lugar a uma luta renhida pela sucessão entre os diferentes ramos da casa imperial, como costumava acontecer nestes casos. Assim sabemos que o principal motivo do reenvio da Embaixada de Tomé Pires para Cantão se ficou a dever a uma questão de segurança nacional.

O problema é que a vinda da Embaixada de Tomé Pires para Cantão terá sido interpretada pelas autoridades provinciais como um claro sinal de rejeição dessa missão. Para esconder a sua cooperação e participação neste processo passível de ser considerado fraudulento — uma irregularidade que poderia custar a carreira e até mesmo a própria vida⁷⁸ a essas mesmas autoridades, caso fosse descoberta⁷⁹ — houve, pois, todo o interesse em silenciar o caso. Entretanto, chegou de Beijing a ordem de deter a embaixada, constituindo os seus membros como reféns até à desocupação de Malaca⁸⁰. Daí que, como nos informa Cristóvão Vieira, as autoridades de Cantão passassem a perseguir implacavelmente os Portugueses, com todas as acusações possíveis e imagináveis e com todos os meios ao seu alcance. Evidentemente, o que Simão de Andrade fizera desajeitadamente na foz do Rio das Pérolas, em 1520, já teria contribuído, de certa maneira, para o fracasso da primeira embaixada portuguesa e europeia à China.

⁷⁸ “Um despacho imperial denuncia bem claramente a contrariedade das circunstâncias reportadas, o que fez com que o pedido (de aceitar a embaixada portuguesa) não pudesse ser satisfeito. Aliás, houve muitas coisas de grande importância que não podiam ser demoradas, por exemplo,... ultimamente Folangji que anexaram a Malaca e a Champa, entre outros países, chegaram a trazer-nos uns ofícios em línguas bárbaras, disso as autoridades locais não tiveram um tratamento e solução adequados. As coisas dos bárbaros são contraditórias, o que nos obriga a ter preocupações.” *Wuzong Shilu* (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 191, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 21.

⁷⁹ Com a autorização do Imperador, o Tribunal dos Ritos já instituiu um inquérito a todas as autoridades de Cantão envolvidas neste caso. Cf. *Wuzong Shilu* (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 194, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 22 e *Shizong Shilu* (Verídica Crónica do Imperador Shizong), vol. 4, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 23.

⁸⁰ *Wuzong Shilu* (Verídica Crónica do Imperador Wuzong), vol. 191, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, pp. 21-22 e *Shizong Shilu* (Verídica Crónica do Imperador Shizong), vol. 4, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, pp. 22-23.

Quanto aos presentes. Pelas fontes portuguesas, sabemos que o embaixador Tomé Pires levou, como deviam levar todos os embaixadores tributários, presentes destinados ao imperador chinês; todavia, até agora não foi possível localizar nenhuma lista na vasta documentação portuguesa, embora haja muitas referências a eles⁸¹. Cristóvão Vieira, sendo membro da embaixada, confessa quanto a isto: “*A sustancia das peças e quantas e de que sorte me não alembra bem porem a soma he de mil quinhentos acima...*”⁸², o que levou Rui Loureiro a colocar estas questões: “*O presente para o imperador nunca é descrito na documentação quinhentista. Por mero lapso? Ou talvez porque a missão de Tomé Pires não tinha o estatuto oficial de embaixada e, como tal, o presente que transportava não era significativo?*”⁸³

Em nosso entender, dado que a primeira missão diplomática portuguesa junto da corte chinesa foi uma iniciativa lisboeta e o embaixador seleccionado e nomeado pelo Vice-Rei da Índia, o presente destinado ao imperador da China foi preparado *in loco* e de modo improvisado. Talvez isto tivesse sido a razão da insignificância dos presentes. No entanto, a pobreza da oferta leva-nos a crer que a primeira missão diplomática portuguesa teria mais por objectivo um reconhecimento no terreno do que apresentar-se como uma embaixada propriamente dita, como nos revela António Galvão: “*E esteve Fernão Peres catorze meses numa ilha que se chama Veniaga, informando-se das coisas daquela terra, como lhe mandava El-Rei, por serem muito grandes e notáveis; e ainda que já lá fora Rafael Perestrelo em um junco de mercadores de Malaca, a Fernão Peres se deve dar a palma deste descobrimento, {tanto} por ser por El-Rei mandado, como por descobrir tanto com armada. E Tomé Pires por terra, e Jorge Mascarenhas por mar e costa, {foram}*”⁸⁴ até à cidade de Foquiém, que está em vinte e quatro graus de altura.”⁸⁵; além da própria questão da baixa origem social do Embaixador, é disso prova tanto o facto de nem os membros da própria embaixada se lembrarem de tais objectos, como o da estranha e completa ausência de referências ao conteúdo do presente nas fontes quinhentistas portuguesas.

⁸¹ Cf. João de Barros, *Ásia de João de Barros, Década Terceira*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1944, p. 100 e Raffaella d'Intino, *op. cit.*, pp. 7, 12 e 37.

⁸² *Idem*, p. 12.

⁸³ Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, p.288, nota 153.

⁸⁴ Esta anotação é errada, pois só Jorge Mascarenhas foi a Fujian.

⁸⁵ António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 59.

Ora, também este documento chinês tem esse mérito: o de preencher uma lacuna multissecular na historiografia portuguesa das relações luso-chinesas. Analisando o conteúdo da lista, não podemos dizer que fossem presentes preciosos em extremo. No entanto, não eram de preço menor. Para isso, é interessante ver as componentes desta relação.

O objecto que lidera o inventário é o coral em rama, muito apreciado na China imperial⁸⁶.

Muitas coisas inverosímeis sob a pena de Fernão Mendes Pinto, tornam-se credíveis com os recentes progressos historiográficos conseguidos a partir da publicação de fontes chinesas⁸⁷. Ou seja, casos que pareciam incríveis, são agora confirmáveis e confirmados por fontes chinesas. O caso das couraças é um deles. Fernão Mendes Pinto, na *Peregrinação*, relata:

*“Nós, com o fervor desta vitória arremetemos logo à porta e nela achámos o mandarim com cerca de seiscentos homens consigo, o qual estava em cima de um bom cavalo, com umas couraças de veludo roxo de cravação dourada do tempo antigo, as quais depois soubemos que foram de um tal Tomé Pires, que El-Rei D. Manuel da gloriosa memória mandara como embaixador à China, na nau de Fernão Peres de Andrade, governando o Estado da Índia, Lopo Soares de Albergaria.”*⁸⁸

Foram sugeridas duas hipóteses: ou teriam sido uma pertença pessoal de Tomé Pires ou fariam parte do presente para o Imperador Zhengde⁸⁹. Julgamos que as duas hipóteses são aceitáveis. Isto constitui

⁸⁶ Wang Chuan, *op. cit.*, p.103 e *Itinerariu Portugalliesiu*, Milano, 1508, Cap. CXXXIX, fol. LXXVI.

⁸⁷ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, vol. I, pp. 58-66. Recentemente, a Fundação Oriente financiou a publicação de *Zhongguo Guanxi Dang'an Shibiao Huibian (Coleção de Fontes Históricas Arquivísticas)*, organizada pelo Arquivo Nacional n.º 1 da China, Pequim, Editora Arquivística da China, 2 vols., 2000. Trata-se dum projecto muito louvável e meritório que se concretizou num importante corpus onde estão reproduzidas in facs-simile 931 peças de arquivo que constituem um riquíssimo manancial de informações seguras sobre as relações sino-portuguesas durante a Dinastia Qing (1644-1911). A maior importância desta documentação primária reside em que traz, sobretudo, processos quase completos dos contactos diplomáticos entre ambos os países nos termos de práticas convencionais, após o Tratado de 1887, sendo assim de grande utilidade para os investigadores da História de Macau e das relações sino-portuguesas durante o séc. XIX e inícios do séc. XX.

⁸⁸ *Peregrinação*, Edições Afrodite, 1980, vol. II, Cap. 65, p. 222.

⁸⁹ Rui Manuel Loureiro, Fidalgos, *Missionários e Mandarins*, pp. 280 e 288, nota

mais um passo em frente na compreensão duma obra tão polémica como a *Peregrinação*.

Quanto aos “*vidros*”, possivelmente eram os prismas que até à época de Mateo Ricci ainda eram um objecto de estimação que fascinava os Chineses.

Sobre os tecidos: os Chineses, que desde há muito tempo tinham a seda, apreciavam outros géneros de tecido, daí a sua inclusão no presente imperial.

Armas: ao contrário do que aconteceu no Japão, os Portugueses apenas ofereceram armas brancas ao imperador chinês e não de fogo. Segundo fontes chinesas, Calicute já oferecera ao Imperador chinês uma “*Folang Shuanrendao (Espadagão de dois gumes europeu)*”⁹¹ Talvez os Portugueses tivessem sabido dos gostos chineses através das informações recolhidas no Índico, de modo a incluir “*uma espadagão de três gumes*” e “*outro terçado de ferro*” nos presentes. Quiçá não seria muito pertinente oferecer a um país unificado armas de fogo que tanto pudessem causar admiração como suspeita. Não deixou de ser uma escolha diplomática e prudente.

A observação de que “*o cabecilha costumava ler livros*” confirma que Tomé Pires era um homem culto e amigo da leitura, qualidades necessárias à elaboração duma obra como a *Suma Oriental* tão bem informada como informadora. Também podia ser que fossem cenas que Tomé Pires estivesse a descrever no seu diário. Como os Portugueses vieram do Oeste, aonde costumam ir bonzos chineses buscar cânones budistas, e como Gu Yingxiang não conhecia qualquer língua ocidental, português ou latim, ao ver os livros que Tomé Pires andava a ler, concluiu, sem nenhuma espécie de fundamento, que “*se tratava de livros budistas*”. Esta afirmação, que se saiba a primeira, veio a influenciar toda a historiografia chinesa sobre as primeiras relações luso-chinesas. E curiosamente, o missionário Miguel Ruggieri, assinou a primeira obra jesuíta publicada no continente chinês com *Tianzhuseng (Bonzo da Índia)*, porque nos primeiros tempos da evangelização da China, os Inacianos tinham todo o interesse em não apresentar aos Chineses, desconfiados por natureza, coisas novas que logo pudessem suscitar suspeitas ou que custaria muito trabalho esclarecer, provocando o bloqueio de qualquer actividade missionária.

⁹⁰ Cf. Huang Zuo, *Guangdong Tongzhi (Crónica Geral de Guangdong)*, vol. 62, *Biografia de Liang Zhuo*, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p.13.

⁹¹ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, pp. 163-164, nota 180.

Nestas circunstâncias, serviram-se dum topónimo já de há muito tempo conhecido — *Tianzhu* (Índia) e da história da divulgação do Budismo para esconder a sua proveniência e a sua identidade. Uma estratégia bem concebida! O mesmo teria acontecido com a escolha do presente destinado ao Imperador Zhengde, constituído, na sua maioria, por coisas do Índico.

O episódio de não se fazerem as reverências (*koutou*), genuflectindo apenas perante o titular da pousada oficial é largamente referenciado nas fontes chinesas e conhecida da comunidade científica internacional.

Sobre a situação dos membros da embaixada. Não há dúvida nenhuma que os poucos membros que, como se verá adiante, ficaram na companhia do Imperador Zhengde voltaram com o monarca para Beijing⁹². Como a missão de Tomé Pires ficou “durante mais de meio ano”⁹³, acomodada numa pousada oficial, as condições de vida da missão eram muito boas. Segundo fontes chinesas, Hoja Yasan, que já então se devia fazer passar pelo embaixador, “...na altura em que (Jiang)Bin⁹⁴ e Qian Ning⁹⁵ estavam todo-poderosos, esses dois bárbaros⁹⁶ ou passeavam de cavalo em pleno mercado ou gozavam das requintadas refeições dos grandes mandarins no Tribunal da Justiça ou andavam em companhia da carruagem coche imperial⁹⁷ e tinham à sua disposição manjares deliciosos na Pousada Huitong⁹⁸ ou privavam-se com os criados e funcionários imperiais⁹⁹.”¹⁰⁰ Mais tarde, o falso embai-

⁹² *Ob. cit.*, p. 116.

⁹³ Tomé Pires chegou na comitiva imperial a 18 de Janeiro de 1521 e deixou Pequim em direcção a Cantão em 22 de Maio do mesmo ano. A data de partida registada em *Wuzong Shilu* (*Verídica Crónica do Imperador Wuzong*) é 22 de Abril. Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, pp. 83-85, nota 5.

⁹⁴ *Ob. cit.*, p.95, nota 16.

⁹⁵ *Ibid.*, p.117, nota 58.

⁹⁶ Hoja Yasan e Syyyid Husain.

⁹⁷ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 117, nota 59. A expressão original é “*congchengyu*”, da qual “*chengyu*”, literalmente quer dizer carruagem imperial, mas aqui usa-se no sentido figurado como uma referência eufemística ao imperador. “*Cong*” significa seguir, acompanhar, portanto “*congchengyu*”, é acompanhar a carruagem imperial, como quem diz andar em companhia do imperador.

⁹⁸ Paul Pelliot tinha toda a razão ao interpretar esta frase dizendo: “*Ceci implique que Tchong-tö quittait le Palais impérial pour se rendre au Houei-t'ong-kouan, c'est-à-dire là où les envoyés étrangers étaient logés à Pékin.*” Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 117, nota 60.

⁹⁹ O texto original em chinês é “*huo tong pu chen wo qi*”. Paul Pelliot confessa não entender esta frase (*Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 117, nota 61). Primeiro, o sentido de “*pu*” é criado do Imperador e “*chen*”, alto funcionário do mesmo.

xador acabou por ser desmascarado e foi apurado que era um simples jurubaça.

O Yasan era considerado como o chefe dum grupo de mais 4 jurubaças. Segundo Cristóvão Vieira, o “*jurubaça grande falleceo de doença*” e os 4 restantes intérpretes foram executados, sob a acusação de “*sairem fora da terra*” e de terem trazido “*Portugueses a terra da China*”; contudo, as fontes chinesas são unânimes ao afirmar que Yasan foi executado. Fica por esclarecer devidamente esta diferença.

Este documento diz-nos também expressamente que não foi intenção da corte imperial deter a Embaixada de Tomé Pires em Cantão. Inicialmente era só para a repatriar através de Cantão, por onde entrou na China. Uma série de acontecimentos posteriores mudou dramaticamente o destino da missão, tornando-a num fracasso.

2. UMA NOVA FONTE COREANA

Uma fonte coreana coeva, recentemente publicada por Wu Zhiliang, traz-nos novas luzes, com inéditos detalhes históricos sobre a estadia dos Portugueses em Beijing.

Como se sabe, a península coreana, sendo tributária da China, cultivava boas relações com o seu soberano. Os Coreanos mantinham embaixadas permanentes, junto da corte chinesa. Estas missões, para os Chineses, representavam sinais de vassalagem para com o Império do

O clássico chinês *Shangshu* assim define “*puchen*”: “*criadagem e alto funcionário ao serviço do imperador*”. O criado do imperador embora seja um elemento do pessoal menor é também funcionário do imperador. O alto funcionário que ocupa certo posto na função pública, na sua essência, não passa dum criado, um serviçal hierarquizado do imperador, daí que, exista em chinês a expressão “*gongpu*”, que quer dizer criado público, correspondente ao português “*servidor do Estado*”. A expressão “*puchen*” traduz uma relação entre o amo e o criado, o senhor e o servo, em resumo, uma relação serviçal de plena lealdade dum mandarim que se considera oficial súbdito do imperador, ao ponto de ser um criado ou servo do mesmo, segundo, “*wo qi*”, que literalmente significa deitar-se e levantar-se, usando-se aqui num sentido figurado de grande intimidade a todo o momento que se esteja a dormir ou acordado.

¹⁰⁰ Cf. Huang Zuo, *Guangdong Tongzhi* (Crónica Geral de Guangdong), vol. 62, *Biografia de Liang Zhuo*, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p. 13. Esta cónica geral foi elaborada ainda dentro do Reinado de Jiajing (1522-1566). Este trecho foi reproduzido sucessivamente por Yan Congjian in *Shuyu Zoujilu* (Detalhadas Informações sobre os Países Exóticos) e Guo Fei in *Yuedaji* (Grande Crónica de Cantão). A primeira data dos finais do séc. XVI e a segunda, dos inícios do séc. XVII. A *Nan-hai hien tche*, que Paul Pelliot usou (*Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, pp. 115-118) é de 1835, tratando-se, portanto, uma obra muito mais tardia.

Meio, mas também tinham certas funções de espionagem, que qualquer embaixada costumava possuir. Na altura em que os Portugueses tentavam estabelecer relações diplomáticas com a China, mediante a Embaixada de Tomé Pires, os Coreanos que estavam em Beijing, muito atentos a este acontecimento, recolheram sobre ele informações detalhadas que transmitiram ao seu rei. Estas ficaram registadas nas *Lichao Shilu* (*Crónicas Verídicas da Dinastia Li*), que constituem fontes fidedignas sobre os Portugueses em Beijing. Como veremos, estes elementos informativos de terceiros¹⁰¹ revestem-se de grande importância para história da Embaixada de Tomé Pires, pois contêm descrições valiosíssimas, ausentes tanto das fontes portuguesas como das chinesas. Levando em consideração o carácter inédito destas fontes coreanas, é escusado realçar mais a sua importância e passemos a reproduzi-las na íntegra:

“No dia Wushu¹⁰² da 12.^a lua, o intérprete Li Shuo apresentou um memorial ao Trono com informações recolhidas na corte chinesa: ‘O país de Folangji foi sempre impedido pelo país da Malaca, de modo que desde a fundação da grande dinastia Ming, nunca teve contactos com a China. Agora, após terem destruído a Malaca, veio pedir o ‘fom’¹⁰³ à China. O Tribunal dos Ritos estudou o caso e deliberou: Não se pode autorizar o pedido de um país que tomou a liberdade de ter exterminado outro país que foi nomeado pela nossa corte como tributário. O seu pedido de ir em audiência à corte foi recusado. Ficaram hospedados na pousada oficial com os mesmos tratamentos e privilégios dos outros países’¹⁰⁴. Essas pessoas

¹⁰¹ É natural que os estudiosos costumem concentrar-se na pesquisa das fontes das partes directamente envolvidas, mas à vista de escassez de documentos disponíveis e a restrição de documentos conhecidos, a procura nas fontes terceiras pode, às vezes, trazer elementos essenciais para a compreensão de alguns eventos históricos nebulosos. Por exemplo, graças a umas fontes coreanas, conseguimos reconstituir a morte causada pela artilharia portuguesa a Nuerhachi, o primeiro imperador da Dinastia Manchu. (Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Acerca das relações entre Macau e os Tártaros anteriores à conquista da China — Uma tentativa de abordagem com base em fontes jesuítas do motivo do falecimento de Nurbachi, fundador da Dinastia Qing*, in Jinghai Piaomiao: *História (s) de Macau — Ficção e Realidade*, Macau, 2001, pp. 51-85). Outro exemplo são os estudos feitos pela professora Carmen Radulet que nos revelam bastantes fontes italianas, embora baseadas em informações de origem portuguesa, sobre os primeiros contactos indirectos luso-chineses, através das viagens de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral, na costa indiana e no litoral da África Oriental.

¹⁰² 22 de Janeiro de 1521.

¹⁰³ Sobre este tema, veja *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p. 91, nota 11 e Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, p. 286, nota 93, *Cartas dos Cativos de Cantão: Cristóvão Vieira e Vasco Calvo (1524?)*, p. 69, nota 132.

¹⁰⁴ Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l’histoire des Ming*, p.124 e a nota 80.

cuja fisionomia se assemelha à dos japoneses, usam roupas e comem comidas não muito civilizadas. Para os Chineses, são pessoas nunca dantes vistas. Quando o imperador chinês sai em inspecção, costuma mandar fazer parte da sua comitiva imperial duas ou três pessoas das embaixadas, tais como da Tartária, dos muçulmanos, Folangji, Champa, Lama¹⁰⁵, entre outros, a fim de aprender algumas palavras das suas línguas ou para observar quais as artes que têm.”¹⁰⁶

Assim, por esta passagem, sabemos que a Embaixada de Tomé Pires, apesar de não ter visto o seu estatuto reconhecido, obteve um tratamento logístico igual ao das embaixadas tributárias.

As fontes chinesas dão-nos uma ideia de que a integração de alguns membros da embaixada portuguesa no séquito de Zhengde foi um favor imperial conseguido com a intervenção de Jiang Bin¹⁰⁷, subornado pelos Portugueses¹⁰⁸. Agora ficamos a saber que não foi bem assim, dado ser uma prática comum o imperador Zhengde trazer na sua comitiva um número reduzido de membros das embaixadas que se encontravam na China. Esta informação leva-nos a deduzir que parte da embaixada de Tomé Pires ficou com o imperador Zhengde em Nanjing¹⁰⁹ e a outra parte seguiu para Beijing¹¹⁰. Dos que ficaram em Nanjing, um era, sem dúvida, o Yansan, pois nas fontes chinesas há muitas referências a como o imperador Zhengde, a título de passatempo, aprendia o português com ele. Exactamente como nos informa esta fonte coreana: com o Yansan

¹⁰⁵ Não foi possível identificá-la documentalmente.

¹⁰⁶ Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p.46.

¹⁰⁷ Cf. Yan Congjian, Shuyu Zoujilu (*Detalhadas Informações sobre os Países Exóticos*), vol. 9, Folangji, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 130 e *Guangdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Guangdong*), vol. 61, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 174.

¹⁰⁸ “No reinado do Imperador Yi (título póstumo do Imperador Zhengde), os bárbaros Folangji, alegando a apresentação dos seus tributos, queriam reconhecer e o nosso Mar Meridional. O rebelde (Jiang)Bin recebeu subornos e fez com que entrassem na companhia de Sua Majestade e tomassem a liberdade de ensinar palavras da sua língua bárbara a Sua Majestade.” Cf. Huang Zuo, *Taiquanji* (*Antologia da Fonte Longínqua*), vol. 52, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p.9.

¹⁰⁹ “Aconteceu que o bárbaro Folangji chamado de Jiabidanmo (capitão-mor) e uns 30 acompanhantes vieram apresentar os seus tributos. Ao chegarem a Nanquim, encontraram Jiang Bin que comandava as 4 forças de elite na protecção pessoal de Sua Majestade. Este apresentou o Hoja Yasan a Sua Majestade. Sua Majestade gostou do Hoja Yasan e o deixou ficar na sua companhia.” Cf. Huang Zuo, *Guangdong Tongzhi* (*Crónica Geral de Guangdong*), vol. 62, *Biografia de Liang Zhuo*, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p.9.

¹¹⁰ *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, pp. 81-82.

para “aprender algumas palavras das suas línguas”. Outra pessoa poderia ser Tomé Pires, com quem o Imperador Zhengde chegou a jogar “às tauolas”, como costumava fazer com membros de outras embaixadas “para observar quais eram as artes que tinham.” Estes factos também foram registados por Huang Zhuo nos seguintes termos:

“Nos finais do Reinado de Zhengde (1506-1521), o vassalo rebelde¹¹¹ Jiang Bin que comandava as 4 forças de elite¹¹² na protecção pessoal de Sua Majestade, recebeu subornos dos bárbaros de Folangji e recomendou o seu embaixador Hoja Yasan a Sua Majestade. O Imperador Yi¹¹³ gostou dele e passou a imitar a sua língua. Sua Majestade dignou-se de ir pelos seus pés imperiais a ter com ele(s) diariamente.”¹¹⁴

A comparação entre os Portugueses e os Japoneses poderá ter na base a semelhança da tonalidades das peles de ambos.

Após esta primeira informação, existe um segundo registo na *Lichao Shilu* (Verídicas Crónicas da Dinastia Li), que é bem revelador dos interesses do soberano coreano em saber os pormenores deste primeiro contacto diplomático luso-chinês:

“Sua Majestade perguntou: Os países que nunca tiveram contactos com a China, todos vêm agora à corte chinesa, e isto porquê? Tang respondeu dizendo: trata-se do chamado país de Folangji. Examinando um seu mapa, pode-se ver que se situa entre as fronteiras do Território do Oeste¹¹⁵ e o sudoeste. Sua Ma-

¹¹¹ Porque após o falecimento do Imperador Zhengde tentou um golpe militar.

¹¹² O texto original em chinês é “*si jia bing ma*”. Paul Pelliot confessa desconhecer o seu sentido e tentou uma explicação a partir de *Mingshi* (História dos Ming) (Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 116, nota 52). Nesta expressão, os 4 caracteres querem dizer respectivamente, “quatro”, “grupo”, “soldados” e “cavalos”. “Soldados e cavalos” no sentido de forças armadas. Resta saber a que se referem os quatro grupos. Temos informações bem claras e precisas na *Mingshi* (História dos Ming): “O general fronteiro Jiang Bin tendo caído nas graças imperiais, solicitou a deslocação de tropas fronteiriças para a guarnição de Pequim. Então foram convocados dezenas de milhares de cavaleiros e soldados de confiança dos nove postos fronteiriços para a capital imperial, aos quais se chama 4 forças de elite de fora.” (pp. 2178-2179) Essas “4 forças de elite” “...foram seleccionadas das guarnições de Liaodong, Xuanfu, Datong e Yansui...” (p. 2238).

¹¹³ Título póstumo do Imperador Zhengde.

¹¹⁴ Cf. Huang Zuo, *Taiquanji* (Antologia da Fonte Longínqua), vol. 49, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p.9.

¹¹⁵ Antigamente, os Chineses chamavam todas as terras situadas a oeste do seu país, sobretudo a partir da Ásia Central, de Território do Oeste.

jestade tornou a indagar: ficaram hospedados na pousada oficial Yube¹¹⁶? Quantas pessoas eram? Tang respondeu: Um embaixador com duas dezenas de acompanhantes ao seu serviço. Este vosso vassalo e outros tivemos a oportunidade de falar com eles, achando-os pessoas muito abertas. Também vi que tinham uns livros que pareciam possuir verdadeiras frases proverbiais, vistos pelos seus estilos. Eram de uma qualidade tão fina que não existiam iguais. As suas roupas eram feitas de penas de ganso¹¹⁷. No pescoço, usavam um colarinho redondo¹¹⁸. As abas das suas roupas eram muito largas. As roupas enfiavam-se pela cabeça e não tinham nem laços nem nós¹¹⁹. Quanto aos seus hábitos alimentares, só se alimentam da carne de galináceos e da farinha de trigo. Talvez sejam os produtos autóctones deles. Perguntados sobre os seus usos e costumes, foi-me respondido que mesmo o soberano só tinha uma mulher. Enquanto a esposa não morrer, não se pode casar em segundas núpcias. Sua Majestade continuou a interrogar: Como foram tratados pela corte chinesa? Tang respondeu: No início da sua embaixada tributária, julgando a pousada oficial Yube pouco digna para a sua missão, proferiram bastantes palavras irreverentes. Esta irreverência deixou o Tribunal dos Ritos ofendido, de maneira que, de propósito, atrasou durante três anos¹²⁰ o despacho para a sua recepção. Essas pessoas trouxeram consigo ouro e prata, com que pagavam as despesas. Eu e outros vossos vassalos fomos visitá-los à pousada onde ficaram alojados, encontrámos a sua sala decorada com cortinados feitos de panos coloridos, e mobilada com cadeiras distribuídas pelas quatro direcções. Quando se sentavam, seguiam sempre a posição este-oeste. No meio da sala, encontrava-se uma cadeira, coberta com um pano de lã vermelho. Disseram-me: Esta é a cadeira para o Imperador quando nos honrará com a sua imperial presença. Talvez tenham dito isto porque no início da sua embaixada tributária o Imperador Chinês os encontrou no caminho durante a sua inspecção e foi visitá-los à pousada onde estavam. Os próprios Chineses diziam que quando a Sua Majestade voltasse a Beijing, iria visitá-los à pousada. Sua Majestade acabou por perguntar: Ficaria (a sua terra) a quantos li da capital chinesa? Tang respondeu:

¹¹⁶ Quer dizer Rio de Jade, nome vulgar da Pousada Huitong, por ficar a oeste da Ponte do Rio de Jade, em Pequim. Cf. *Le Hoja et le Sayyid Husain de l'histoire des Ming*, p. 239.

¹¹⁷ Veludo. O nome chinês de veludo é “*flanela de cisne*”.

¹¹⁸ A golilha.

¹¹⁹ Antigamente, na China e na Coreia, nas roupas usavam-se nós como botões.

¹²⁰ De facto, a embaixada de Tomé Pires demorou aproximadamente três anos em Cantão. Ele chegou a Tamão a 15 de Agosto de 1517 e só conseguiu partir de Cantão a 23 de Janeiro de 1520.

vieram pela via marítima e desembarcaram em Cantão, tendo percorrido uma distância de mais de 3000 li.”¹²¹

Pelos diálogos aqui reproduzidos, sabe-se assim que os soberanos coreanos estavam muito atentos a toda a movimentação político-diplomática a decorrer na China, inclusive pormenores como o lugar da sua aposentadoria e o número dos membros da embaixada. Mas a maior importância deste documento reside nas informações fornecidas sobre a posição do Tribunal dos Ritos, cujo responsável era natural de Cantão e hostil aos Portugueses¹²². A morosidade burocrática de 3 anos teria sido assim propositada.

É curioso notar-se que a visita feita pelo intérprete coreano aos Portugueses terá constituído porventura o primeiro contacto luso-coreano. Talvez mesmo o primeiro contacto entre a Coreia e o Ocidente. E note-se que a imagem dada pelos Portugueses foi francamente positiva. O comentário à posse de “*uns livros que pareciam possuir verdadeiras frases proverbiais, vistos pelos seus estilos*”, poderá ser uma alusão à *Bíblia*. Os Coreanos ficaram impressionados com a qualidade da impressão e encadernação desses livros, que eles garantiam “*não existirem iguais*”. O relato coreano confirma a afirmação de Gu Yingxiang no que toca aos hábitos de leitura dos membros da embaixada. Pela descrição da sua roupa ser “*feita de penas de ganso*” e usarem no pescoço “*um colarinho redondo*” e “*as abas das suas roupas eram muito largas*”, ficamos a saber pela primeira vez como andavam vestidos os Portugueses dessa missão. Também chamou a atenção dos coreanos a monogamia praticada em Portugal por contraste com a poligamia generalizada no Extremo Oriente.

Até não faltam informações sobre os meios de pagamento da embaixada — “*ouro e prata*” — e a visita à pousada onde estavam os Portugueses traz-nos, além da decoração da sua sala, uma novidade surpreendente para podermos chegar a alguma conclusão sobre se membros da embaixada foram ou não recebidos em Nanjing. Uma informação que confirma as fontes portuguesas:

¹²¹ Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 47.

¹²² Esta hostilidade veio a custar-lhe a carreira com uma intervenção de Jiang Bin a favor dos Portugueses. E ter-lhe-iam dado maior castigo se não fosse a morte do Imperador Zhengde que fez deter um processo disciplinar que se instruíra contra ele. Cf. Yan Congjian, *Shuyu Zoujilu (Detalhadas Informações sobre os Países Exóticos)*, vol. 9, Folangji, in Wu Zhiliang e outros (dir.), *op. cit.*, vol. 5, p. 131.

“{A ge}mte que fiqua em companhia de Thomé Piz escuso escrever por não escrever tamta leitura cada hu serem XXX {o}nde faleceo finalmete que {de} sete ou oito portugueses que erão no Hamchu¹²³, somete eu e douos serujdores ficarão. Tomé Piz falecco aquy na era de 24 anos. Os que ora ao presente estamos somos cinco pesoas, cinco chins. Jorje Alz. q neste porto arribou, começa em cousas da tera por acabar que se me puser ate acaba pella maneira no acabarey.

Nos em Nanqim vimos o Rey em pa., que amdaua folgãdo contra jstilo e costume da terra, que está em custume Rey nũa sair de seus aposetam.tos e des que a terra da China he terra, pouco se acuida Rej de sajr do estillo ne estrãgeiro ver Rey da China como digo que ho vimos. Nos fez homra e folgou de nos ver e jugo com Thome Piz ds tauolas por vezes estãdo nos ao presente; asy nos mãdou banquear com todos os grãdes;¹²⁴ ao presente vemos per justo per três vezes. Emtrou nos paros, em que nos biamos. Mãdou sajr todas as arcas fora; tomou os vestidos, q lhe parecerão bem, e fez mercê a Thome Piz., que nos fosemos a Beijing, que nos despachaua.”¹²⁵

“O titulo da pessoa que for, faço saber ao cuhi e a cãci de Cantão como avera ora tantos annos que el Rei Nosso Señor mandou carta ao Rei da China e presente per Tome Pires o que foi recebido pollos grandes e dos outros que tem carregio foi lhe dado casa em Cantão. Dabi foi chamado do rei da China elle foi e o vio em Nãqui, dali o mandou a Beijing pera la o despachar dizendo que la convinha o despacho, nunca mais delle soubemos.”¹²⁶

Eis esclarecida assim uma dúvida e uma polémica de séculos! Isto confirma a afirmação de Cristóvão Vieira: “A vij de Agosto se escreveo a Cantão do que era passado com el-rei até então.”¹²⁷ Também as informações de Martim Afonso de Melo Coutinho são abonadas por esta fonte coreana¹²⁸. Mais surpreendente ainda é o facto de que o imperador

¹²³ Parece uma corrupção de Hangzhou. Por ser devidamente identificado.

¹²⁴ Esta afirmação coincide completamente com uma fonte chinesa: “esses dois bárbaros ou passeavam a cavalo em pleno mercado ou gozavam das requintadas refeições dos grandes mandarins no Tribunal da Justiça...” Cf. Huang Zuo, *Guangdong Tongzhi* (Crónica Geral de Guangdong), vol. 62, *Biografia de Liang Zhuo*, citado in Dai Yixuan, *op. cit.*, p. 13.

¹²⁵ Eduardo Brazão, *op. cit.*, pp. 55-56.

¹²⁶ Cf. Raffaella d'Intino, *op. cit.*, p. 37.

¹²⁷ Rui Manuel Loureiro, *Cartas dos Cativos de Cant(o: Crist(v)o Vieira e Vasco Calvo* (1524?), p. 27.

¹²⁸ Ronald B. Smith, *Martim Afonso de Mello*, Bethesda, Maryland, Decatur Press, 1972, p. 6.

Zhengde “encontrou-os pelo caminho da sua inspecção e foi visitá-los à pousada onde estavam”. Esta informação coincide completamente com “A Sua Majestade dignou-se de ir pelos seus pés imperiais a ter com ele(s) diariamente.” Tudo isto poderia parecer impossível do ponto de vista da aplicação rigorosa do protocolo dos Ming; contudo, com este Imperador, que gozava da fama de ser liberal e libertino, não havia nada impossível, se consideramos também que os Portugueses eram “apadrinhados” por Jiang Bin, que era nessa altura o primeiro favorito do monarca. Aliás, as fontes portuguesas estão cheias de informações sobre repetidos e extraordinários contactos do Imperador Zhengde com os Portugueses¹²⁹, de que é exemplo o “jugo com Thome Piz ás tauolas”. Por isso, os Portugueses puseram na sua sala dentro da pousada oficial uma “cadeira para o Imperador quando nos honrará com a sua imperial presença.” Isto foi confirmado quando “os próprios Chineses diziam que quando Sua Majestade voltasse a Beijing, iria visitá-los à pousada”. Enfim, dada a influência de Jiang Bin e dos eunucos, o Imperador Zhengde terá quebrado neste caso todos os protocolos oficiais.

Finalmente, devido à falta de conhecimentos geográficos do Mundo, os Coreanos, como os próprios Chineses, não estavam bem informados tanto da localização do país de *Folangji* como da distância que havia entre ele e a China. Não podiam estar bem informados, porque não se sabia ao certo onde é que ficava esse país chamado de *Folangji*.

Ainda quanto às fontes, é importante notar-se que a *Suma Oriental*, sendo anterior à missão portuguesa chefiada por Tomé Pires à China, se bem que contribuiu para um melhor conhecimento sobre a geopolítica da Ásia Marítima e do Extremo Oriente, pouca importância pode ter para estudar essa embaixada. Da documentação portuguesa, a fonte primária e mais importante é, sem dúvida, a carta de 1534, mandada da prisão de Cantão, por Cristóvão Vieira, um dos membros da Embaixada de Tomé Pires. De ponto de vista de fontes orientais, as mais importantes são estas duas agora acessíveis à comunidade científica portuguesa. Com estas três fontes de origens muito diferentes, parece poder-se reconstituir mais pormenorizada e documentadamente o percurso da Embaixada de Tomé Pires, desde a sua chegada a Cantão, a

712 66. ¹²⁹ Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 270 e 285, nota

passagem por Nanjing, à sua estadia em Beijing, à volta a Cantão e o desfecho infeliz que culminou o sonho manuelino de “*assentar*” na China.¹³⁰

Pelas profusas referências nas fontes coevas chinesas que apontam o Hoja Yasan como embaixador e pela estranha e inexplicável ausência nos relatos de membros da comitiva portuguesa sobre a estadia de Tomé Pires em Beijing como embaixador, podemos afirmar que a primeira embaixada portuguesa e europeia à China terá, afinal, contado com dois embaixadores, o português Tomé Pires e o chinês Hoja Yasan.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras relações luso-chinesas desenvolveram-se no tradicional e bem chinês molde do sistema tributário. Quando os Portugueses conquistaram Malaca, o Império não avaliou muito bem as drásticas consequências que este acontecimento poderia acarretar para a sua nação¹³¹. No momento em que o Rei D. Manuel mandou a sua primeira embaixada à China, sabia bem o que queria com a China, ainda que esta, prisioneira do seu sistema tributário, não o soubesse de todo. A presença portuguesa no Oriente constitui-se como uma realidade completamente nova para as autoridades chinesas, impreparadas para lidar com forças alheias à sua tradicional esfera geopolítica. Durante bastante tempo, a China não soube o nome vernáculo de Portugal e muito menos onde ficava. Esta sinocêntrica ignorância está bem patente na *Mingshi* (*História dos Ming*), onde o capítulo dedicado a Portugal começa assim: “*Folangji fica perto da Malaca.*” Ora, isto foi escrito nos meados do pleno século XVIII!

Nesta ignorância, dificilmente se imaginaria que a China pudesse definir uma política para Portugal e muito menos reajustar a sua geopolítica numa esfera de influência baseada no sistema tributário, que não era apenas um sistema político-diplomático. De facto, um sistema

¹³⁰ O percurso da viagem de Tomé Pires foi bastante bem reconstituído por Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, pp. 21-65; Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 269- 273 e Wan Ming, *op. cit.*, pp. 32-34.

¹³¹ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Impacto que a queda de Malaca provocou no Império Chinês — A propósito do início da Era Moderna da China*, in *Jinghai Piaomiao História(s) de Macau — Ficção e Realidade*, Macau, 2001, pp. 13-37. A versão portuguesa adaptada encontra-se publicada em *Administração*, N.º 49, Macau, 2000, pp. 939-948.

que tinha uma componente bastante importante, que residia nas duas vertentes da defesa: formação duma espécie de primeira frente de batalha através dos países vizinhos e tributários da China e no caso de possíveis conflitos armados, mantê-los à distância do território chinês o que é uma medida eficaz para evitar a infiltração de forças alheias ao bloco chinês em território próprio. Ao longo dos séculos, esta tradicional política chinesa revelou-se eficaz na sua exclusiva zona de influência geopolítica; contudo, com a vinda de outras nações desconhecidas pela China, o que criou uma nova realidade internacional, o Império do Meio continuou prisioneiro desta política, desde cedo ultrapassada e anacrónica. Todo o sistema chinês sustentado por um bem seleccionado mandarinato de letras não teve capacidade de adaptação a essa nova ordem internacional. Daí que esta posição hirta da China levasse ao desmoronamento completo do sistema tributário aquando das guerras do ópio, na sequência de surgimento na região de novas potências.

A presença portuguesa no Oriente irradiou, desde cedo, efeitos erosivos no império chinês, a começar pela conquista de Malaca que abalou toda a geopolítica da Ásia Marítima e cortou as vias de escoamento de produtos chineses para o Índico, tendo quebrado o equilíbrio das forças e destruído o papel preponderante tradicional da China na região. Lamentavelmente, o Império e os seus mandarins não tiveram atempadamente consciência disto. Daí o início do declínio da China imperial. Desde que a China Ming cessou as expedições chefiadas pelo almirante Zheng He, perdeu a sua influência sobre a Ásia Marítima, primeiro em favor dos Muçulmanos do Índico, e, depois, a favor dos Portugueses, que também passaram a dominar nesse espaço tradicionalmente chinês, concretizando o sonho manuelino do Império Português do Oriente. A Embaixada de Tomé Pires enquadrar-se-ia numa estratégia da “*descoberta interior*” duma China lendária, que acabou numa tragédia política, diplomática e pessoal.

Foram muitas as tentativas de encontrar os motivos pelos quais a Embaixada de Tomé Pires resultou num fracasso. Julgamos que talvez seja de menor importância tentar analisar circunstâncias factuais como o comportamento pouco adequado de Simão Peres de Andrade, a arrogância do jurubaça Yansan e outros membros da embaixada junto do titular do Tribunal dos Ritos, a denúncia dos emissários do Sultão da Malaca, a morte do imperador Zhengde, etc. Será, porventura, mais pertinente se

considerarmos estes atritos e acontecimentos num fundo de conflitos culturais e civilizacionais. Deste ponto vista, as peripécias em torno da Embaixada de Tomé Pires eram fatalmente inevitáveis e o fracasso da Embaixada de Tomé Pires acabaria por, não só representar um insucesso para o Portugal manuelino, mas também por significar um maior desastre para China imperial, com consequências drásticas para o Império do Meio. Durante quase trinta anos seguintes, houve um interregno nas relações entre a China e Portugal. A China fechou completamente a sua porta ao mundo durante uma década, o que prejudicou as suas relações político-diplomáticas e comerciais com os seus tradicionais tributários, dando espaço de manobra às potências recém-chegadas. Pelos enormes prejuízos causados à economia local de Cantão, as autoridades cantonesas levantaram a voz a solicitar a revogação das leis proibitivas marítimas. A situação era gravíssima, pois estava em causa a economia de cerca de meia China, que tinha os portos de Cantão como vias de escoamento dos seus produtos para o resto do mundo. Essas vicissitudes foram mais negativas ainda se as analisarmos no enquadramento das relações exteriores da China com o mundo. A China passou do Império do Meio ao Império de Fora e como não era capaz de reagir a uma nova realidade e a essa nova “ordem internacional”, acabou por adoptar uma política simples e simplista: encerramento total das suas fronteiras, fechando-se sobre si no gozo anacrónico do sinocentrismo. Esta política isolacionista veio a influenciar toda a política externa chinesa nos anos vindouros, provocando um atraso que foi cruelmente demonstrado pelas guerras do ópio e, ainda hoje, não de todo recuperado.